



Satélites acham que o Plano vive 'equivoco do superior'

CHICO NETO

Fuja e ame no Motel Fujiama". O *outdoor*, "pérola" encravado às margens da Saída Sul de Brasília, acena para um mundo bem diferente do Plano Piloto, o caminho de algumas cidades-satélites. Ceilândia, Gama e Paranoá, bom lembrar, fazem parte do Distrito Federal — mas encerram modos de vida muito próprios e, freqüentemente, incompatíveis com o perfil que se tem do cotidiano do Plano.

Jovens das satélites convivem diariamente com a violência expressa — há quem questione se não estariam sendo mais visados por se tratar de elementos suburbanos —, e a grande maioria dos entrevistados aponta pelo menos um caso de amigo que já foi assassinado.

Saem, invariavelmente, em tur-

mas: é menos inseguro. Determinados horários tornam-se proibitivos, pois trazem o que a dita "calada da noite" tem de pior em sua caricatura: o risco de vida. São núcleos de grande população — boa parte aumentada consideravelmente nos últimos tempos em função dos assentamentos — e conhecem de perto a polícia em suas incursões que, não raro, passam longe do perigo real.

Jovens da faixa de 14 aos 18 anos já se familiarizaram com o meio a que pertencem e vão criando a sua maneira de se divertir. São patentemente solidários. Sentem-se paradoxalmente mais seguros nas satélites do que no Plano. Com o qual, aliás, mantém uma relação de distância, pautada, principalmente, no preconceito, muitas vezes recíproco. Para a geração satélite, a galera do Plano padece do equívoco de se sentir em superioridade.